

Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência

**Ana M. Alfonso-Goldfarb
(pelo Comitê Científico)**

Em agosto de 2008, Simão Mathias, nosso patrono, completaria cem anos. Primeiro doutor em química pela Universidade de São Paulo (USP), na verdade, foi, em 1942, o primeiro a defender um doutorado acadêmico no Brasil. Um grande estudioso, assim como um grande realizador, esteve envolvido e até mesmo foi idealizador de mega-projetos (criação do primeiro laboratório de físico – química no Brasil; unificação de vários setores de química no que viria a ser o Instituto de Química), sociedades científicas (Sociedade Brasileira de Química; Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), enormes intercâmbios nacionais e internacionais, grandes pesquisas e instituições para apoiá-las (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP; Conselho Nacional de Desenvolvimento Técnico e Científico – CNPQ), entre tantos outros exemplos.

Mas, como todo grande estudioso, foi também um grande sonhador. Para a história da ciência, sonhava, por exemplo, com a criação de uma espécie de pequena “Biblioteca de Alexandria” específica ao campo. Como esse famoso centro do passado, seu projeto contemplaria uma imensa biblioteca com os mais seletos originais, ou possíveis cópias, da ciência de todas as épocas. Também como em Alexandria, essa biblioteca não deveria ser apenas um depósito de originais preciosos, mas servir como alimentos para um grupo de estudiosos que, aos poucos, iria criando uma escola.

Parte da realização desse sonho se deu com a criação do centro que leva seu nome: Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência – CESIMA – que, por isso, tem o enorme prazer de comemorar seu centenário em grande estilo. Será realizado entre 26 e 29 de agosto, um seminário em torno a um tema que foi mote de sua fundação e que interessava particularmente a Simão Mathias: documentos, métodos e identidade da história da ciência.

Documentos

Com mais de 30 mil obras depositadas em nosso centro de pesquisa, principalmente em forma digital, um dos nossos sérios problemas foi encontrar uma classificação adequada para esses documentos. A divisão tradicional em grandes áreas modernas produz sérias distorções e anacronismos, sobretudo no que diz respeito a documentos antigos. Não deixam, porém, de ser relevantes também as distorções causadas por esse modelo de classificação em obras mais próximas ao período moderno, mas cujas concepções remetem ainda a árvores e divisões antigas do conhecimento. Com isso, campos inteiros do conhecimento anteriores aos modernos foram lançados ao limbo das *pré-*, *proto-* e *pseudo-ciências*. Por outro lado, há exemplos freqüentes de conhecimentos que muito divergem de seus homônimos atuais, mas foram abrigados na mesma classificação desses últimos. Pouco adequada e até mesmo impertinente, essa fórmula classificatória costuma confundir a busca e seleção de materiais para a história da ciência, além de prejudicar a reflexão sobre sua própria identidade.

Não por acaso, pesquisadores e estudantes ligados ao CESIMA (entre eles, documentaristas e bibliotecários) se dispuseram a discutir e até mesmo propor uma nova classificação que deverá ser sugerida à Classificação Decimal Universal (UDC) a fim de tornar mais coerentes e específicas as buscas de documentos para a história da ciência. Essa proposta de classificação baseia-se numa série de argumentos que serão colocados para discussão e debate durante o seminário de agosto. Parcialmente indicados acima, tais argumentos incluem as particularidades dos métodos de trabalho com documentos, quando se trata de questões em história da ciência.

Algumas considerações sobre as esferas de análise em história da ciência

Como em outros campos de estudo, as perspectivas de análise e, conseqüentemente, os métodos de abordagem em história da ciência vêm mudando. Elaborada, sobretudo, por cientistas e epistemólogos durante muito tempo, sua esfera de análises correspondia principalmente a dimensão interna das ciências em diferentes períodos.

É bem conhecida a vigorosa busca por uma documentação original ou primária, que serviria como base para muitas dessas análises. A maioria deles, porém, respeitou pouquíssimo o contexto histórico dos documentos, tomando ciências recentes como parâmetros para verificar supostos fracassos em evoluções de ciências anteriores. Como se sabe, derivaram daí, em grande parte, os anacronismos e os subseqüentes problemas de classificação apontados acima. Por outro lado, também se originou aí a preocupação em concentrar a pesquisa sobre documentos primários e nunca perder de vista suas implicações epistemológicas e filológicas. Marca característica da história da ciência, essa sua esfera de análises continua até hoje de grande importância, embora tenha deixado de ser única e sofrido modificações e influências.

Uma longa e bem conhecida história de debates e reflexões sobre o papel e os métodos da história da ciência, entre os anos 30 e 60 do último século, desfocou essa esfera de seu papel hegemônico. Para o que nos interessa aqui, um influxo de idéias sobre ciência e sociedade passou a permear o campo. E com isso, uma nova esfera de análises para verificação do contexto histórico passou a ganhar corpo. Ao lado desta (e em boa parte causada pelas modificações introduzidas por ela), teve formação uma esfera de análises historiográficas. Uma esfera em que se passou a refletir não só as variâncias da própria história da ciência, mas também a redefinição e ampliação de seus objetos e até mesmo, da noção de ciência em diferentes épocas.

Naturalmente, qualquer historiador da ciência considera que a interligação (ou interdependência) das três esferas de análise acima indicadas é sempre recomendável para um bom trabalho. Todavia, essa interligação nunca foi e continua não sendo trivial. Porque são interligadas, os excessos ou as faltas em

qualquer uma delas contaminam as demais. Por outro lado, a natureza distinta de cada uma delas obriga a operações dignas de um polímata renascentista, mas que vive, contraditoriamente, em plena época de super especialização dos conhecimentos e de excesso de ruído informacional. Em todo caso, sempre e quando essa complexíssima interligação é deixada de lado, perde-se, freqüentemente, a identidade do trabalho com a história da ciência.

Essas e outras questões correlatas vêm sendo discutidas já por algum tempo por equipes do CESIMA. Inseridas em workshops, cursos, publicações ou como parte de projetos junto à FAPESP e ao CNPq, deverão constituir um dos cerne do debate em nosso encontro de agosto.

Identidade

Vinculada às questões acima destacadas, a questão relativa à identidade da história da ciência é de todas a mais difícil. Embora ao longo dos anos várias discussões e atitudes práticas venham tentando solucioná-la, esta persiste em aberto. Pretendemos, assim, apenas levantar aqui uma série de pontos, visando os futuros debates de agosto.

Um primeiro ponto, quase sempre reconhecido pela maioria, diz respeito às múltiplas faces que constituem a história da ciência. Estaríamos falando, portanto, de um campo de interface para o qual contribuem, de forma decisiva, ao menos três grandes áreas do conhecimento. Sem dúvida, uma delas é composta pelas várias ciências, com as quais a história da ciência se relaciona, desde seus primórdios, através de um meta-discurso. A outra interface pertence tradicionalmente à filosofia ou, para sermos mais precisos, à história da filosofia e à filosofia da ciência. Um intercâmbio frutífero foi produzido nesta interface, do qual ambos os lados usufruíram, apesar das diversidades tanto de abordagem quanto de configuração dos objetos. Surpreendentemente, a última das interfaces a ser formada foi com a própria área de história. Alguns dos motivos expostos no tópico acima nos oferecem a nova dimensão que esta interface trouxe para a história da ciência.

Embora não devamos esquecer que a esfera interna e fortemente epistemológica das análises em história da ciência marca sempre um diferencial entre esta e a história em seus vários campos. Todavia, essa visão genérica das possíveis relações entre a história da ciência e suas grandes interfaces merece ainda muita dedicação e estudo.

Decorrente do anterior, o ponto agora levantado refere-se à excessiva proximidade que, por motivos institucionais e necessários, a história da ciência vem mantendo com suas grandes interfaces. Essa proximidade nos leva a várias questões ainda sem resposta. Por exemplo, como manter essa aproximação sem cair na subalternância? Como se sabe, a história da ciência já foi abrigada pelas ciências e pela filosofia e, ultimamente, tanto pelos estudos sociais quanto pela história. Mas, quando e como se sabe que esse abrigo superou os limites da simples contigüidade institucional? Quando um abrigo se transforma em domínio, não se daria aí uma quebra do delicado equilíbrio com as outras interface, ou mesmo dos “quê fazeres” que caracterizam a história da ciência? Por fim, isto não provocaria a volta das ultrapassadas “histórias das ciências” feitas por especialistas de outras áreas?

Também decorrente dos anteriores, um último ponto (entre os muitos ainda pendentes) mereceria ser considerado aqui. São vários os problemas, apontados na literatura, quando se ignoram as diferenças entre a história da ciência e outros campos de estudo. Diferenças essas que vão dos objetivos aos métodos e outros quesitos teóricos, já indicados acima. Existe, porém, uma questão de nomenclatura poucas vezes lembrada, mas que tem ajudado muito manter essas diferenças nebulosas. Raramente, por exemplo, uma obra em história da filosofia será identificada como uma obra histórica, mas sim como um estudo em filosofia. Se essa obra, porém, for em história da ciência, ela será identificada, quase por certo, com um dos vários campos da história ou das ciências. Diferente, portanto, da história da filosofia, a história da ciência não tem nenhuma grande área que lhe empreste identidade. E o nome que carrega por tradição é apenas mais um dos muitos pontos cegos que demanda uma análise detida, se quisermos chegar às diferenças que lhe são próprias e lhe dão identidade.